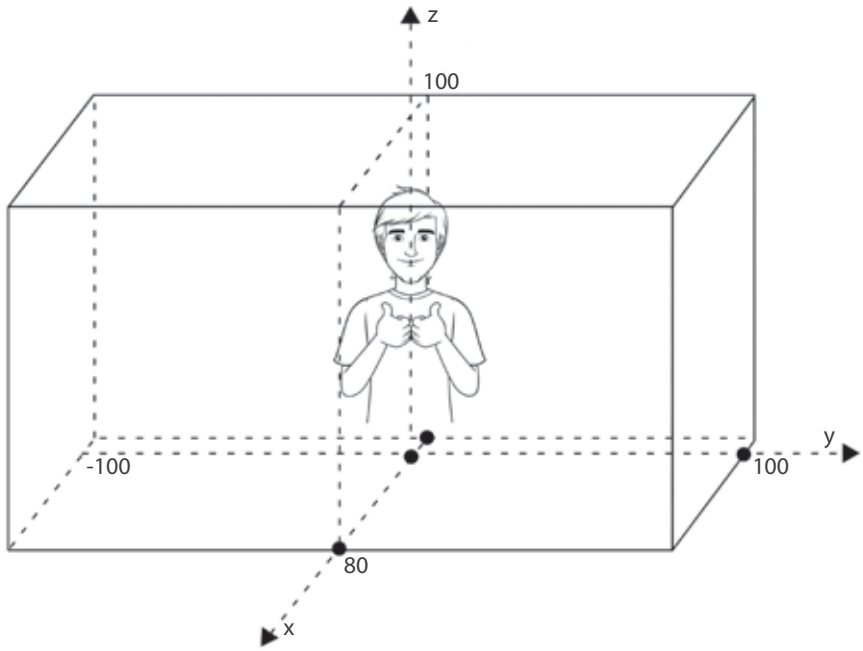
Apontamentos úteis ao cotidiano do tradutor-intérprete

Para esta aula, está reservada a exposição e reflexão sobre fenômenos linguísticos específicos das línguas de sinais. Nesse sentido, se os tópicos aqui abordados encontram "equivalentes" nas línguas orais, são de natureza, e muitas vezes, funcionamento diverso. Alguns fatos, como você verá, nem sequer apresentam um "equivalente" distante. Neste momento, interessa observar as particularidades das línguas de sinais e, consequentemente, da Libras nos seus diferentes níveis de análise, pois, conforme você poderá constatar, alguns fenômenos linguísticos das línguas de sinais se manifestam de forma interdependente e em mais de um nível de análise, com papéis diferenciados em cada nível. Por motivos de análise linguística e exposição didática, os conteúdos tratados são apresentados de maneira independente, mas você perceberá, estudante, como eles se entrelaçam.

O uso do espaço

Por serem línguas espaço-visuais, os usuários das línguas de sinais empregam o espaço linguisticamente. Por meio dele, relações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas podem ser estabelecidas. Contudo, esse espaço de que se fala não é todo e qualquer espaço, mas sim o espaço empregado para a articulação dos sinais, o qual compreende uma área definida à frente do corpo, que se estende do topo da cabeça do sinalizador até o seu quadril, como representado na ilustração a seguir:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



IESDE Brasil S.A. Adaptado.

Figura 1 – Representação do espaço de sinalização.

A ilustração acima pretende representar o espaço empregado como recurso linguístico nas línguas de sinais. Convém observar que ele abrange o próprio corpo do sinalizador. Nessa perspectiva, a realização de um mesmo sinal em pontos diferentes do espaço, como você constatará mais à frente, pode resultar na menção a referentes diferentes. Isso implica que nas línguas de sinais o espaço, enquanto elemento da língua, não pode ser empregado de forma aleatória, pois, nesse caso, perderia sua função linguística. Desde o nível fonológico até o semântico, existem certos preceitos que devem ser respeitados durante o uso do espaço como elemento linguístico, é desses preceitos que esta seção se ocupa.

No nível fonológico, tal como afirmam Pizzio *et al.* (2010), os sinais podem ser articulados em diferentes espaços, seja no corpo do sinalizador, seja no espaço neutro em frente ao seu tronco. Cada espaço empregado na articulação de um determinado sinal precisa ser mantido, posto que, às vezes, mesmo diferenças mínimas na porção de espaço comumente empregada para um dado sinal podem levar à mudança do sinal pretendido. Um exemplo disso é a diferença entre os sinais de TRABALHAR e PRIMO. O primeiro é realizado no espaço neutro em frente ao sinalizador, na altura do peito, o segundo é realizado no corpo, na altura da cintura, porém, como envolvem a mesma configuração de mão e o mesmo tipo de movimento, há que se ter cuidado para não realizar o sinal TRABALHAR no espaço determinado para PRIMO, e vice-versa.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Abaixo você pode constatar a diferença no espaço de sinalização dos sinais citados a ser respeitada:

TRABALHAR.

PRIMO.

Já no âmbito sintático, o espaço apresenta mais de uma função possível. Ele pode, por exemplo, ser utilizado para estabelecer relações anafóricas ou de concordância entre os elementos da sentença. Além disso, outra característica peculiar é que em determinados usos do espaço a informação gramatical é produzida simultaneamente com o sinal:

> Esses mecanismos envolvem a incorporação, considerado um mecanismo produtivo na ASL e usada, por exemplo, para expressar localização, número, pessoa; e o uso de sinais não manuais, como movimentos do corpo e expressões faciais. O uso de tais mecanismos é verificado também na Libras [...]. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2010, p. 2)

Bellugi *et al.* (1988[1], *apud* QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2010) apontam também como fenômenos sintáticos que se valem do espaço na ASL (Língua de Sinais Americana) as nominalizações, o sistema pronominal e a concordância verbal. Ainda segundo pesquisa de Bellugi e Klima (1982[2], *apud* QUADROS, PIZZIO; REZENDE, 2010) o uso do espaço é verificado na constituição de elementos dêiticos na ASL, os quais formam a base para outros elementos linguísticos, como o sistema de pronomes, a concordância verbal e relações gramaticais dentro da sentença. A constituição desses elementos dêiticos se dá pela apontação para lugares específicos no espaço, os quais remetem a referentes diferentes. O mesmo se vê na Libras:

---

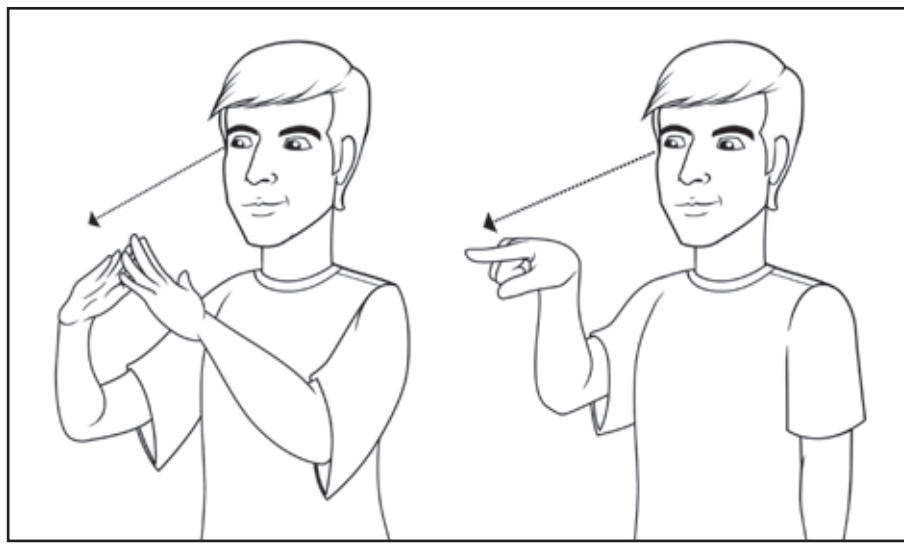
[1] BELLUGI, U. *et al.* The acquisition of syntax and space in young deaf signers. *In*: **Language Development in Exceptional Circumstances**. Churchill Livingston, 1988.

[2] BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. The acquisition of three morphological systems in American Sign Language. **Papers and Reports on Child Language Development** *21*, 1-35. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 1982.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

> Os nominais introduzidos no discurso da Libras podem ser associados a pontos específicos no espaço da sinalização. Esses pontos no espaço passam a fazer referência aos referentes que o introduziram. Essa associação dos referentes com um local no espaço é chamada de Determinante Nominal. O uso adequado dos Determinantes Nominais é o primeiro passo para o estabelecimento da concordância verbal e para o uso dos demais mecanismos sintáticos espaciais. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2010, p. 3)

Os nominais de que as autoras falam são o que você, estudante, deve conhecer por substantivo. O termo *nominais* é empregado porque é isso que esses elementos são – nomes. Pense nas palavras *casa, gato, time, Curitiba, João, morte, vida,* todas elas nomeiam algo – seja objeto, ser, lugar ou evento da natureza. Na Libras, quando um nominal é introduzido no discurso, por exemplo, *casa,* ele é introduzido num ponto específico do espaço determinado pelo sinalizador. Estabelecida essa relação com um ponto no espaço, toda vez que o sinalizador quiser se referir a esse mesmo nominal introduzido anteriormente no discurso, ele empregará a apontação para o espaço que havia determinado para tal referente, como no exemplo abaixo:



IESDE Brasil S.A.

CASA. IX (casa).

A associação entre nominais e um ponto no espaço pode ocorrer, conforme Quadros, Pizzio e Rezende (2010), tanto com referentes presentes quanto com referentes não presentes no contexto do discurso. Com referentes presentes, a apontação para eles é o que os introduz no discurso, tal como acontece no estabelecimento dos pronomes de primeira e segunda pessoa. Nesse caso, é a própria localização do referente no espaço (aquilo sobre o qual o sinalizador fala) que determina para qual ponto do espaço o sinalizador deve apontar. Observe:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

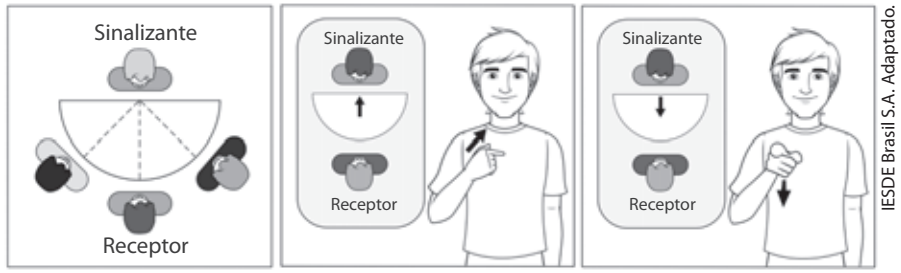


Figura 2 – Pronomes usados com referentes presentes.

A ilustração representa o estabelecimento de formas pronominais com referentes presentes, isto é, primeira (eu) e segunda (tu/você)[3] pessoa. Desse modo, a localização no espaço do receptor da mensagem é que determina para onde o sinalizador deve apontar para empregar o pronome tu/você. Igualmente, para empregar o pronome eu, para se referir a si mesmo, o sinalizador deve apontar para o próprio peito, conforme demonstrado na figura acima.

Quanto ao emprego dos pronomes de terceira pessoa, as relações estabelecidas são mais complexas, posto que eles desempenham funções anafóricas e dêiticas e podem envolver referentes que não estão presentes durante a produção do discurso. Em relação à diferença do uso da apontação e do espaço no caso de o referente estar presente ou não, tem-se que:

> Os pronomes de terceira pessoa usados para fazer referência às pessoas que estejam presentes no contexto do discurso são sinalizados apontando-se diretamente ao referente. Quando o referente não estiver presente, ou temporariamente ausente, a apontação é direcionada a um local espacial arbitrário, ao longo do plano horizontal, defronte ao corpo do sinalizador. Da mesma forma, a apontação pode ser usada para referir a objetos e lugares no espaço. A referência anafórica requer que o sinalizante aponte (olhe ou gire o corpo) a um local previamente estabelecido, isto é, após a introdução de um nominal correferente a um ponto estabelecido no espaço, este ponto no espaço referir-se-á àquele nominal, mesmo depois de outros sinais serem introduzidos no discurso. (BELLUGI; KLIMA, 1982[4]; PETITTO, 1987[5]; LOEW, 1984[6], *apud* QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2010, p. 4)

Para melhor compreender o estabelecimento de referência à terceira pessoa com referentes ausentes, analise a ilustração a seguir:

---

[3] Embora as gramáticas tradicionais indiquem o você como pronome de tratamento – e não como pronome pessoal –, que corresponde à forma de terceira pessoa (o verbo concorda no singular – você vai), no português do Brasil ele é usado como pronome pessoal de segunda pessoa em muitas variedades linguísticas regionais, como na variedade de Curitiba, São Paulo, Mato Grosso do Sul etc. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, o que se observa é a convivência entre as duas formas (tu/você), sendo que alguns falantes desses estados ainda fazem diferenciação entre o uso de você como pronome pessoal e como pronome de tratamento.

[4] *Op cit*. 1-35. Palo Alto, CA: Stanford University Press.

[5] PETITTO, L. On the autonomy of language and gesture: evidence from the acquisition of personal pronouns in American sign language. *In*: **Cognition**. Elsevier Science Publisher B.V.V.27. 1987. p. 1-52.

[6] LOEW, R. **Roles and Reference in American Sign Language**: a development perspective. University of Minnesota: Doctoral Thesis. 1984.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

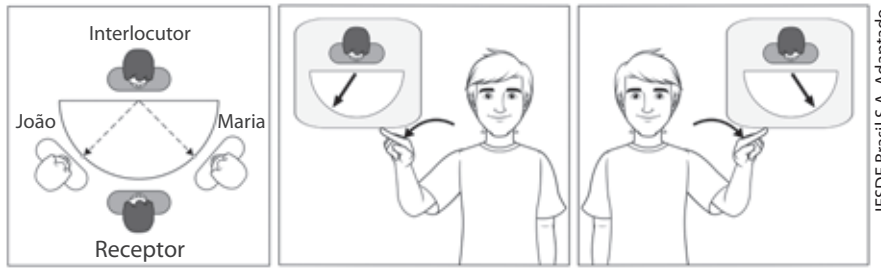


Figura 3 – Pronomes usados com referentes ausentes.

Observe que "João" e "Maria" não estão presentes durante a conversa entre interlocutor e receptor. Então, para se referir a eles, o sinalizador escolhe um ponto no espaço à sua direita para fazer menção a "João" e um ponto à sua esquerda para fazer menção a "Maria". Nesse caso, a escolha do local para apontação é arbitrária, isto é, não há uma causa que motive o uso do espaço à direita para referir "João" e à esquerda para referir "Maria". Todavia, daí não se deve concluir que os pontos associados aos referentes não presentes são distribuídos aleatoriamente no espaço:

> Conforme Loew (1984:15), um sinalizante não distribui os pontos aleatoriamente no espaço, pois existem restrições na seleção do local. Raramente os pontos são estabelecidos de forma arbitrária, pois o sinalizante sempre procurará associar o local real do referente ao local no espaço. Os pontos serão arbitrários com referentes abstratos. Podem também ser para referentes descritos individualmente não interagindo com outros. Os pontos arbitrários também são usados se o sinalizante desconhecer a relação espacial real relevante para falar sobre alguém ou alguma coisa. Os pontos arbitrários são estabelecidos em um local neutro do espaço da sinalização e, em geral, são distribuídos no espaço de forma a serem amplamente diferenciados. Os pontos podem estar acima ou abaixo do espaço neutro relacionados com a localização "real" dos referentes. Veja que este "real" depende sempre da perspectiva de quem está produzindo e vendo os sinais. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2010, p. 5)

De acordo com Quadros, Pizzio e Rezende (2010), Baker e Cokely (1980, p. 206-209), por meio de figuras, demonstraram muito bem as relações espaciais para referentes presentes e não presentes, apontando o uso do olhar como determinante para identificar a referência pronominal empregada pelo sinalizador. A seguir você encontra uma sequência de figuras retiradas de Quadros, Pizzio e Rezende (2010) que pretende esclarecer o uso do espaço para estabelecer as formas pronominais da Libras. Analise-as com calma, repare na disposição do interlocutor e do receptor, bem como na representação dos demais envolvidos no contexto discursivo. Considere que o emprego do olhar – representado pela linha pontilhada – sempre indica a pessoa com quem o interlocutor trava o diálogo, já a linha não pontilhada indica para quem o interlocutor está apontando:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

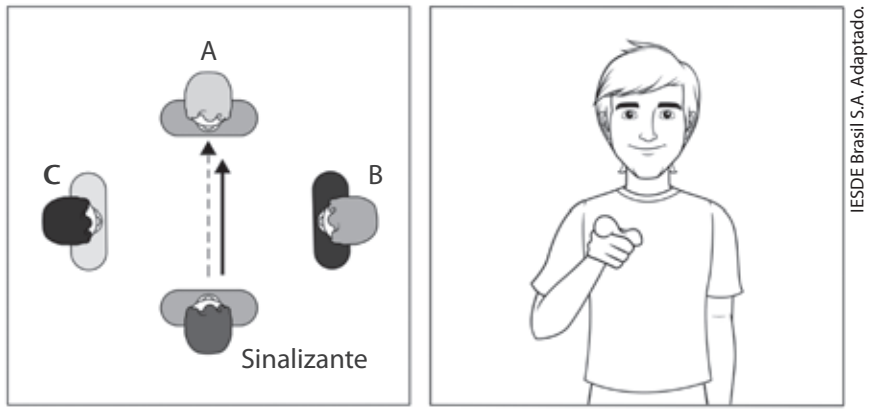


Figura 4 – Pronome de segunda pessoa (tu/você).

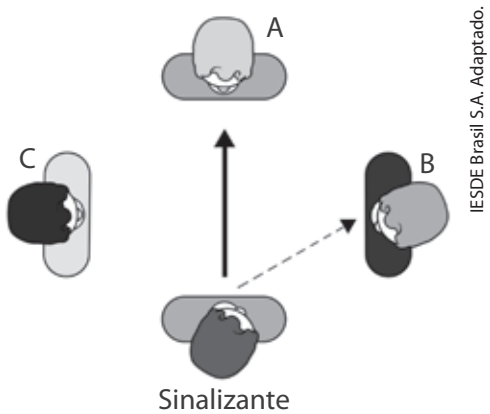


Figura 5 – Pronome de terceira pessoa (ele/ela).

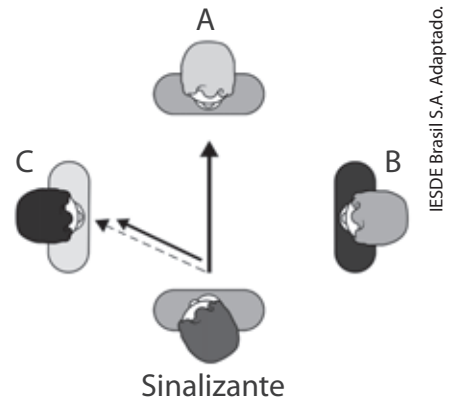


Figura 6 – Pronome de segunda pessoa (tu/você).

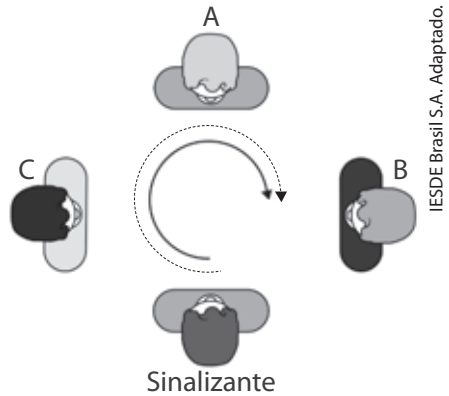
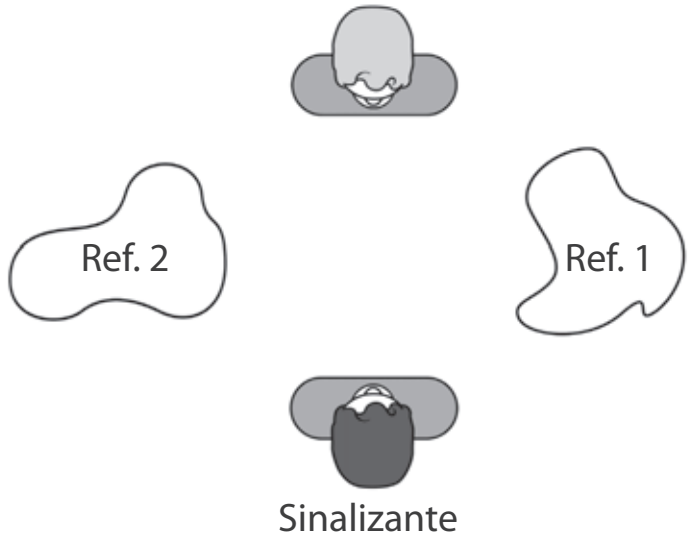


Figura 7 – Pronome de primeira pessoa do plural (nós).

Como você pode depreender da sequência de figuras apresentadas, as línguas de sinais têm formas diversas de estabelecer os referentes em pontos específicos ao redor do corpo do sinalizante. Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2010), a contribuição de Baker e Cokely (1980) em relação a essa propriedade da ASL – que se estende a outras línguas de sinais, como a Libras – foi de apontar as regras que devem ser respeitadas no estabelecimento de pontos no espaço como recursos de referência:

> Por exemplo, se o sinalizante quiser descrever um evento passado e quiser contar algo relacionado a tal evento, ele estabelecerá um local no espaço havendo relação entre os participantes, o tempo e o evento no local real. Este é chamado por Baker e Cokely (*op.cit:* 223) de Princípio Real. Quando o local do evento, pessoa ou objeto é desconhecido, o Princípio Real não pode ser seguido. Assim, estabelecem-se locais observando-se um padrão alternado [...]. Se o receptor estiver à esquerda ou à direita, os locais serão estabelecidos no lado oposto [...]. Nesses casos aplica-se o Princípio de ordem dos referentes com localizações desconhecidas. (BAKER; COKELY, 1980, p. 224, *apud* QUADROS, PIZZIO, REZENDE, 2010, p. 9)

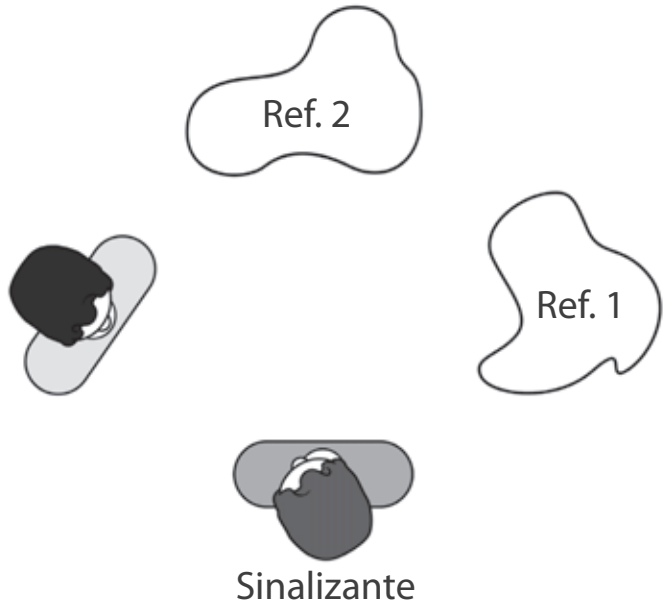
As figuras a seguir exemplificam o que é dito pelas autoras no excerto anterior:



IESDE Brasil S.A. Adaptado.

Figura 8 – Representação de referentes com localização desconhecida por meio do padrão alternado.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



IESDE Brasil S.A. Adaptado.

Figura 9 – Representação de referentes com localização desconhecida por meio do uso do lado oposto.

Ainda com relação ao uso do espaço para referentes, Quadros, Pizzio e Rezende (2010) apresentam a proposta de Liddell (2000), que apresenta três tipos de usos do espaço nas línguas de sinais:

(i) **espaço real** – o referente que se procura representar participa do ambiente físico real no qual ocorre a situação de comunicação;

(ii) **espaço *token*** – o referente que se pretende representar diz respeito à terceira pessoa, são referentes não presentes na situação de comunicação, representados sob a forma de um ponto fixo no espaço físico;

(iii) **espaço sub-rogado** – o referente tem relação com uma cena de evento que já tenha acontecido ou está por acontecer, sendo representado visualmente por uma espécie de encenação.

O uso do espaço, além de ser muito importante para instaurar o recurso da referência pronominal e da anáfora, é imprescindível também no emprego de verbos direcionais que apresentam concordância, que, em relação ao ponto do espaço tomado, é realizada do seguinte modo:

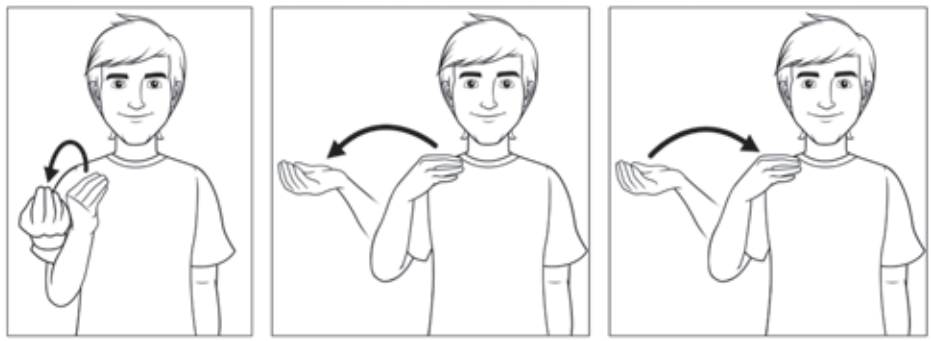
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

a) 1.ª pessoa: próximo ao corpo do sinalizante;

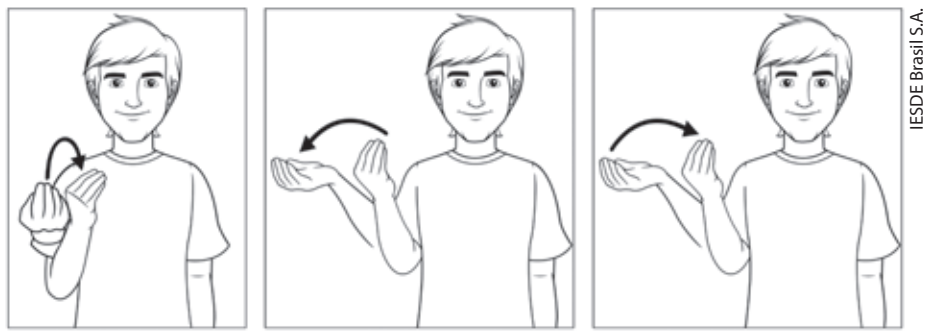
b) 2.ª pessoa: na direção do receptor determinado pelo contato do olhar com o receptor real ou marcado discursivamente;

c) 3.ª pessoa: o marcador de concordância terá o mesmo ponto no espaço neutro assinalado à 3.ª pessoa (PADDEN, 1983[7], p.15, *apud* QUADROS, PIZZIO, REZENDE, 2010, p. 13).

De acordo com Quadros, Pizzio e Rezende (2010, p. 14), como exemplo desse tipo de verbo na Libras pode-se citar ENTREGAR. A concordância, assim como a indicação de referentes, excetuando a primeira pessoa (que é fixa), pode tomar diversas possibilidades de localização no espaço. Considere, a seguir, os exemplos fornecidos pelas autoras a partir da concordância do verbo ENTREGAR:



eu - ENTREGAR - *você* *eu* - ENTREGAR - *ele (a)* *ele(a)* - ENTREGAR - *eu*



você - ENTREGAR - *você* *você* - ENTREGAR - *ele(a)* *ele(a)* - ENTREGAR - *eu*

Note que o sujeito e o objeto do verbo ENTREGAR são marcados a partir do ponto de onde parte o sinal e do ponto onde ele culmina. Se o sinal parte do corpo do próprio sinalizador, o sujeito é EU, se o sinal parte de um ponto no

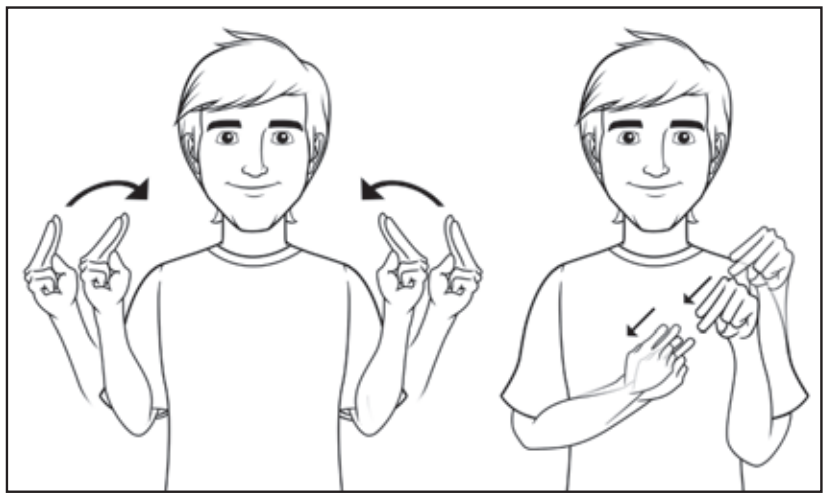
[7] PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in ASL**. 1983. Dissertation (Doctoral) - University of California, San Diego, 1983.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

espaço associado à terceira pessoa, o sujeito é ELE(A). Da mesma forma, se a realização do sinal termina no corpo do sinalizador, o objeto do verbo é EU (equivalente em português a para mim ou me, a depender do contexto) onde parte o sinal e do ponto onde ele culmina. As autoras observam também que:

> Com alguns outros verbos que apresentam concordância é a orientação da palma da mão que indica o sujeito e/ou objeto da sentença. Isso normalmente ocorre com verbos que usam as duas mãos. Em tais casos há uma mão dominante e a orientação dessa mão determinará as relações gramaticais. Na Libras o mesmo fenômeno é observado com verbos como AJUDAR e ENSINAR. A orientação desses verbos estará voltada para o interlocutor (2.ª pessoa) ou para quaisquer outras pessoas do discurso seguindo os possíveis espaços reais, *tokens* ou sub-rogados. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2010, p. 14)

Finalmente, ainda no campo da concordância verbal, o espaço é utilizado para marcar uma ação realizada por duas pessoas ou dois objetos ao mesmo tempo, são os chamados verbos recíprocos, em que ambas as mãos são empregadas, como ilustram as imagens abaixo:



IESDE Brasil S.A.

"Eles se olharam" "Nós nos olhamos"

Figura 10 – Uso do espaço para fazer a concordância dos verbos recíprocos.

A seguir, você encontra o uso dos gestos nas línguas de sinais como recurso linguístico. Como você poderá constatar, entrecruzam-se aí também a questão do espaço e da apontação, a qual é um gesto.

A gestualidade na Libras

Os gestos não são uma particularidade das línguas de sinais, haja vista que nas línguas orais os gestos também são empregados durante a produção da fala.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Todavia, apenas nas línguas de sinais se pode dizer que os gestos ganham estatuto linguístico, enquanto nas línguas orais eles apenas acompanham o conteúdo verbal do que está sendo dito. Nas línguas de sinais também há gestos sem valor linguístico, que apenas acompanham, como se fossem um complemento, o conteúdo verbal sinalizado. Para exemplificar este emprego, relembre a discussão sobre o estabelecimento dos pronomes pessoais na Libras, realizado por meio do gesto de apontação. Esse é um caso em que o gesto não acompanha o conteúdo verbal, ele *é* o conteúdo verbal, e, nesse caso, ele deixa de ser um gesto e passa a ser encarado como um sinal, um signo linguístico próprio das línguas de sinais.

Segundo Anater (2009), o processo de incorporação de gestos como signos linguísticos nas línguas de sinais é muito frequente e tem motivado pesquisas e discussões na tentativa de definir quanto de linguístico ou de gestual há nesses elementos:

> A primeira pesquisadora a tentar identificar as diferenças entre gestos e sinais foi Emmorey (1990). Para ela, a maior diferença está em os sinais não serem produzidos de maneira livre, idiossincrática ou espontânea. Mesmo que alguns gestos possuam regularidades, para ser incorporado à LS precisa ser entendido e analisado do ponto de vista de um sinalizante. É comum também a produção dos gestos faciais ou corporais que são articulados simultaneamente aos sinais manuais (muito comum de serem realizados em narrativas). Os sinalizantes produzem gestos manuais que são alternados com os sinais e esses gestos são frequentemente icônicos, podendo também ser metafóricos e tendem a ser mais convencionais, com propriedades específicas de tempo, mesmo que não tenham relação com um sinal lexical. (ANATER, 2009, p. 32)

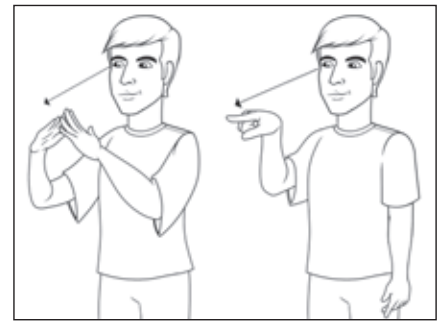
De acordo com Anater (2009, p. 31), para um gesto chegar ao patamar de sinal, ele passa por um processo de gramaticalização, "o qual, nas LSs, acontece de maneira peculiar, uma vez que gramaticalizar um gesto ou uma marca não manual é, em princípio, uma possibilidade única e exclusiva das línguas de modalidade gesto-visual".

Como dito anteriormente, a relação de sinais e gestualidade leva à discussão dos limites entre o que é linguístico ou gestual nos gestos, mas também em relação a muitos sinais. Essa discussão ocorre em função de quão motivados – icônicos – são certos sinais, levando ao questionamento da transparência do signo e do significado e seus limites. Sobre a origem, motivação e iconicidade de certos sinais, vale a pena considerar a explicação que se segue:

> A organização dos sinais nas línguas de sinais se mistura com a organização dos gestos, pois se apresentam na mesma modalidade, diferentemente das línguas faladas. Nessas línguas, quando analisamos um sinal, observamos as formas com que se apresentam as mãos e os movimentos associados a elas. Os gestos são visuais e representam a ação dos atores que participam da interação por meio da imitação do ato simbolizando as relações com as coisas. As línguas de sinais aproveitam esse potencial dos gestos trazendo-o para dentro da língua, fazendo com que sinais visuais representem palavras envolvendo a organização da língua. Um exemplo produtivo dessa característica é o uso de classificadores. Este fenômeno linguístico é

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

> uma representação visual de objetos e ações de forma quase que transparente, embora apresente características convencionadas de forma arbitrária. Parece que houve um processo do gestual para o gramatical, mantendo algumas das características do primeiro e tornando-se parte do sistema linguístico das línguas de sinais. (QUADROS; PIZZIO, REZENDE; 2009, p. 15)


IESDE Brasil S.A.

CASA.

Muitos sinais são influenciados pela forma visual concreta dos objetos a que se referem, tal como o sinal de CASA, ilustrado ao lado. É nesse sentido que se fala de iconicidade, posto que a forma linguística (significante) do sinal é motivada pela identidade visual do objeto ao qual o signo (significante + significado) faz referência. Quadros, Pizzio e Rezende (2009) trazem o relato sobre o estudo de Klima e Bellugi (1979), no qual a possível iconicidade de alguns sinais, em diferentes línguas de sinais, é analisada detalhadamente. A conclusão a que a pesquisa chegou foi que mesmo em sinais que se parecem visualmente com o objeto a que fazem menção a natureza do significante é considerada arbitrária, tal como a dos demais sinais que não apresentam tal similaridade. Para explicar a conclusão da pesquisa de Klima e Bellugi (1979), as autoras Quadros, Pizzio e Rezende (2009), com base em Quadros (1997), afirmam que:

> [...] apesar de apresentarem certa transparência para um determinado grupo de usuários, para outro não indica o objeto em si. Diferentes línguas de sinais apresentam variadas formas de representar os objetos lexicalizando-as, isto é, submetendo a representação visual às condições de formação de palavras que são específicas de sua língua. Assim, um sinal que tipicamente é melhor representado gestualmente com duas mãos, poderá ser representado com uma única mão porque nesta língua essa determinada classe tipicamente utiliza uma única mão. Ou seja, a ideia que está sendo discutida aqui é a de que a gestualidade das línguas de sinais é submetida às regras dessas línguas quando passa a fazer parte da língua. Os demais gestos são apenas gestos, assim como encontrados nas línguas faladas.

A questão do emprego do espaço e da gestualidade e a forma como são exploradas pelo sinalizador são importantes critérios, como se verá na próxima seção, para determinar se uma dada sinalização se aproxima ou se distancia do que se poderia chamar de uma forma culta/padrão da Libras.

Norma culta e padrão: níveis de (in)formalidade

Atualmente, não se pode dizer que exista uma norma culta da Libras registrada em alguma gramática prescritiva, como há a norma culta do português, determinada por gramáticas prescritivas e pela literatura nacional. No entanto, qualquer sinalizador fluente da Libras que conviva num meio social letrado, que tenha um grau de instrução superior ao ensino básico e/ou que represente ou conheça

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

representantes e pesquisadores das comunidades surdas não deixa de avaliar a sinalização de outras pessoas em termos de nível de formalidade – formas de sinalização mais próximas do que se poderia chamar um padrão culto da Libras – e informalidade – formas de sinalização mais distantes desse padrão culto virtual.

Claro que com os avanços do surdo e dos usuários da Libras nos mais diversos campos do saber e de atuação política, artística etc. uma norma culta da Libras se encontra em processo de formação, a qual espera-se, num futuro não muito distante, seja registrada. Mas, se não há ainda um instrumento a consultar que seja o exemplo de norma culta a ser seguido ou não – isso depende das circunstâncias em que se dá a comunicação –, como os usuários da Libras, descritos anteriormente, julgam a formalidade ou informalidade de um discurso?

Em Silva, Rodrigues e Lima (2008), parte-se do pressuposto da composicionalidade entre os fatores linguísticos, supralinguísticos e extralinguísticos para determinação da variação discursiva nos níveis de formalidade e informalidade dos usuários da Libras. Os fatores linguísticos se verificam na aderência das prescrições normativas dos constituintes fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos bem como no uso de vocabulários menos prosaicos. Os fatores supralinguísticos se manifestam pela altura vocal, entonação, eloquência, oratória, e, como a Libras apresenta uma produção gestual, é necessário averiguar sua equiparação ao parâmetro movimento (tamanho e velocidade) e à proporção do campo de enunciação, ou seja, o espaço neutro utilizado (local de sinalização, em frente ao corpo). Desse modo, existe uma tendência em associar discursos informais a sinalizações que se valem de um maior campo espacial para produzir os sinais, estabelecer os referentes e marcar a concordância. Tanto é assim que a recomendação que intérpretes e tradutores surdos recebem ao proceder na tradução do português para a Libras em contextos formais é que apenas o espaço compreendido na área em frente ao corpo, do topo da cabeça ao nível do quadril, seja explorado, de forma que quanto menores forem os movimentos do corpo, tanto melhor. Exemplificando: para colocar um referente à sua direita, o intérprete não precisa dar um passo para a direita, deslocando-se de sua localização inicial, mas apenas fazer uma leve torção do tronco para direita e "colocando" aí os referentes. A gestualidade excessiva, o recurso à pantomima e encenação também são vistos como índice de discursos informais.

Por fim, os fatores extralinguísticos se constituem das reações corporais do sinalizador, adequação da sua vestimenta à situação de interação e, se possível, de modo a contrastar com o ambiente onde a comunicação verbal tomará lugar, e o nível de intimidade entre os envolvidos no ato de comunicação. Essas são características que também se verificam no estabelecimento de situações de comunicação formal e informal nas línguas orais. Desse modo, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais, determinar quão próximo ou distante se deve

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

ficar da norma culta da língua passa por fatores como: com quem se fala, onde se fala, o que se fala e quais os objetivos a serem alcançados na conversa, se é uma situação de comunicação que se pretende perene ou não, entre outros.

Texto complementar

Gestualidade

(LEITE, 2008, p. 33-41)

Até os estudos de Stokoe (1960), a própria Linguística não havia escapado do senso comum no modo como enxergava o meio de comunicação dos surdos. O que chamamos "língua de sinais" era antes tido como uma forma de linguagem universal, icônica e/ou pantomímica, sem o tipo de estruturação que sabemos ser característico das línguas humanas. Desde os estudos de Stokoe, então, um esforço considerável por parte dos pesquisadores das LSs tem sido feito no sentido de demonstrar que essas línguas, assim como as LOs, compartilham as propriedades básicas das línguas naturais, como produtividade e a arbitrariedade (SAUSSURE, 1970).

Pode-se dizer que esse esforço não foi em vão e que, hoje, o estatuto linguístico das LSs já se mostra amplamente aceito, pelo menos dentro da comunidade linguística. Como visto nas seções acima, que trazem uma amostra pequena porém ilustrativa do que tem sido feito na área, os pesquisadores das LSs foram capazes de demostrar de que maneira os diferentes níveis de análise que integram o estudo das LOs podem se manifestar em línguas de modalidade distinta. Tal demonstração, contudo, não esteve livre de excessos. No esforço de conferir estatuto científico às LSs, algumas características patentes do uso dos sinais, tais como a gradiência, a iconicidade e a motivação foram varridas para debaixo do tapete, em favor de análises que valorizavam a discrição e a arbitrariedade típicas das gramáticas normativas e descritivas tradicionais das LOs.

É interessante notar, nesse sentido, que o questionamento sobre o caráter puramente discreto e arbitrário da gramática das LSs não tenha partido do próprio campo, tendo sido impulsionado pelo desenvolvimento de teorias emergentes no âmbito das próprias LOs, em análises sobre a relação entre língua e gesto (e.g. Kendon, 1980; McNeill, 1992) e língua e cognição (e.g. Langacker, 1987; Lakof e Johnson, 1991).

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Das próprias LOs, em análises sobre a relação entre língua e gesto (e.g. Kendon, 1980; McNeill, 1992) e língua e cognição (e.g. Langacker, 1987, 1991; Lakof ; e Johnson, 1980; Lakof , 1987; Fauconnier, 1985). Dessas teorias emergem algumas lições que tiveram um impacto profundo sobre os estudos das LSs: a) a gestualidade é parte integrante do uso vivo da língua e revela-se intimamente relacionada aos aspectos prosódicos e semânticos da fala; b) a arbitrariedade do signo não implica uma ausência de motivação, mas sim o papel da convenção sempre seletiva que cada comunidade linguística faz de sua experiência; e c) todo o nosso conhecimento abstrato (incluindo o gramatical) é construído sobre um conhecimento mais primitivo e concreto que, por sua vez, é construído a partir de nossa interação corporal e social com o mundo.

Livres dos mitos e preconceitos sobre a relação entre língua e gesto, e livres da responsabilidade de ter que demostrar que as LSs eram iguais às LOs em todos os seus níveis de análise, muitos pesquisadores da área iniciaram então uma investigação séria sobre as possíveis diferenças entre LSs e LOs, e os resultados têm trazido uma nova luz sobre problemas que permaneceram por muito tempo obscuros na área – além de contribuir com uma nova perspectiva sobre questões relacionadas às próprias LOs.

Como consequência, hoje dispomos de uma perspectiva renovadora sobre a fonologia, a morfologia, a sintaxe e prosódia das LSs, que pode ser contraposta a um olhar sobre a gramática marcadamente enviesado pela cultura ocidental, culta e letrada.

Na fonologia, a análise revolucionária de Stokoe sobre a capacidade recombinativa de unidades mínimas dos sinais permaneceu em sua essência inalterada, com exceção das reformulações necessárias para dar conta da sequencialidade dos sinais.

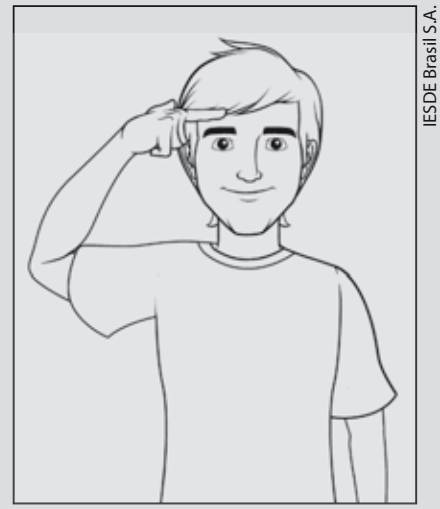
E, consequentemente, dos processos fonológicos e morfológicos observáveis. Contudo, alguns pesquisadores têm hoje questionado a natureza dessas unidades mínimas, ou traços, que entram na composição do sinal: seriam eles, de fato, *destituídos de sentido,* embora capazes de distinguir sentidos?

A figura 1 a seguir mostra três sinais da Libras: ÁRVORE, PENSAR e FATIAR. Olhando-os, é impossível negar a sua dimensão icônica. Em ÁRVORE, podemos identificar o solo (representado pela mão passiva), o tronco (representado pelo antebraço da mão/braço ativo) e a copa (representada pela mão ativa), o que revela a alta iconicidade da *configuração das mãos* e da sua dis-

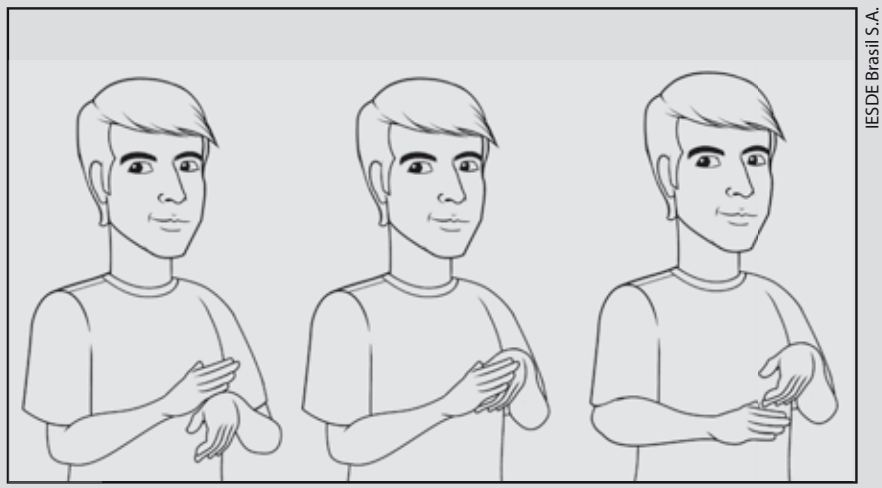
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

posição espacial. Em PENSAR, podemos identificar, pelo lugar em que o sinal é realizado, a região à qual atribuímos o ato de pensar (representada pela própria cabeça), o que revela a alta *iconicidade do ponto de articulação*. Em FATIAR, podemos identificar o objeto cortante (representado pela configuração de mão ativa em "B"), o objeto cortado (representado pela mão passiva em "C") e ação de cortar (representada pelo movimento da mão ativa, em relação à mão passiva), o que revela a alta iconicidade não apenas da configuração de mão, mas também do *movimento do sinal e do ponto de articulação* (a lateral da mão passiva).

ÁRVORE.



PENSAR.



FATIAR.

Figura 1 – Sinais da Libras com alto grau de iconicidade.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Esse processo de construção de sinais fazendo uso de recursos icônicos é altamente produtivo nas LSs, e está também presente nas LOs, embora de maneira bem mais limitada (TAUB, 2000). Taub propõe, então, um "modelo de construção analógico" para dar conta desse fenômeno produtivo, que envolve três dimensões distintas: seleção de imagem, esquematização e codificação.

[...]

O incrível potencial de representação icônica nas LSs parece poupar essas línguas da necessidade de construir sentidos por meio de recursos pelos quais esses dois domínios sejam relativamente simples nas LSs, quando comparados às LOs de maneira geral. Essa rica exploração icônica da gestualidade e do espaço imediato para a veiculação de sentidos nas LSs tem servido de base de explicação para dois outros importantes fenômenos relativos a esses âmbitos de análise: os verbos indicadores e os verbos descritivos (LIDDELL, 2003a).

Verbos indicadores são também conhecidos como "verbos direcionais", "verbos de concordância", "verbos de flexão", entre outros. Trata-se de verbos que indicam o sujeito e o objeto da ação pela maneira como o seu movimento e orientação são realizados no espaço. Por exemplo, o sinal CONTAR, em sua forma de menção, parte do corpo do sinalizador em direção ao espaço neutro. Contudo, essa forma nunca é encontrada na sinalização natural, em que "aquele que conta" e "aquele para quem algo é contado" devem obrigatoriamente ser indicados por meio do direcionamento do sinal no espaço. No caso de os referentes do sujeito e objeto estarem presentes no ato de enunciação, o ponto de partida e de chegada do sinal levará essa presença física dos referentes do verbo em consideração. No caso de o referente estar ausente, um local no espaço será utilizado para localizá-lo, e, a partir daí, esse local será utilizado como ponto de referência para o direcionamento desses verbos.

Sob a perspectiva linguística majoritária no campo das LSs, de acordo com a qual toda fonte de significado provém de morfemas, verbos dessa natureza são considerados verbos de concordância. A proposta é a de que o verbo concorde com o sujeito e o objeto por meio da alteração do ponto de articulação inicial e final do sinal, cada um deles considerado um "morfema de concordância". Problemas nesse tipo de análise emergem quando se tenta descrever sistematicamente os locais para onde os sinais são direcionados (LIDDELL, 1990).

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Segundo Liddell, cada verbo desse tipo carrega, como parte de sua especificação lexical, uma determinada altura em relação ao corpo do falante de onde ele deve partir, e uma determinada altura no corpo do interlocutor para onde deve apontar. Em situações enunciativas concretas, portanto, cada sinal deverá ser apontado de maneira gradiente no espaço com a altura dos interlocutores presentes – ou mesmo dos interlocutores que, embora ausentes, estejam representados no espaço imediato.

Tomemos como exemplo o sinal OBEDECER da Libras, cujos pontos inicial e final envolvem a região da testa. Contextualizando numa fala do tipo "Você precisa me obedecer" (i.e. OBEDECER$^{X \rightarrow Y}$ PRECISAR, considerando-se "x" o referente sujeito e "y" o referente objeto), esse verbo irá assumir diferentes pontos de articulação no espaço dependendo, por exemplo, de os referentes correspondentes a "x" e "y" serem da mesma altura ou não, estarem de pé ou sentados etc. Cada situação enunciativa particular irá determinar, de acordo com as características do ambiente, portanto, uma dimensão gramatical convencional, discreta e regrada (relativa à configuração de mão, ponto de articulação, movimento e orientação dos verbos), que é modificada por uma dimensão gestual, gradiente e *ad-hoc*, que se mostra intimamente atrelada a cada situação enunciativa particular – de uma maneira similar à que ocorre com pronomes como "ele" acompanhados de gesto de apontamento no português. Tal análise, ao ressaltar a importância do gesto na veiculação de sentidos na Libras, desloca o fenômeno relativo a esses tipos de verbos do campo morfossintático para o campo da dêixis de pessoa.

[...]

Dicas de estudo

- Capítulo da "A linguagem verbal e a linguagem cinésica na comunicação humana". da dissertação: *A Complementaridade entre Língua e Gestos nas Narrativas de Sujeitos Surdos*, de R. C. Correa. Disponível em: <www.tede.ufsc.br/teses/PLLG0299-D.pdf>.

  Com a leitura desse texto, o aluno interessado poderá se aprofundar na relação entre elementos gestuais e linguísticos nas línguas de sinais e também nas línguas orais.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- Artigo científico: "Mecanismos de coesão textual visual em uma narrativa sinalizada: língua de sinais brasileira em foco". *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, de Ronice Müller de Quadros e Marianne Rossi Stumpf da editora Arara Azul, 2009.

  A leitura do texto é recomendada por explorar, mesmo que de forma preliminar, o uso do espaço como recurso para a construção da coesão e coerência textual em discursos da Libras. Em relação a Libras, é um dos primeiros textos que procura trazer à tona os elementos empregados para "amarrar" as sentenças na Libras em forma de texto.

Atividades

1. Em relação ao uso do espaço como recurso linguístico, qual fenômeno da Libras, construído por meio do espaço, está na base da constituição do sistema pronominal e da concordância verbal. Exemplifique.

2. Discuta se os sinais na Libras são icônicos ou arbitrários.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

3. Discorra sobre como o emprego do espaço e da gestualidade influenciam no julgamento do nível de formalidade dos discursos da Libras.

Referências

ANATER, Gisele Iandra Pessine. **As Marcações Linguísticas Não Manuais na Aquisição da Língua de Sinais Brasileira (LSB)**: um estudo de caso longitudinal. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. 160 p.

BAKER, C.; COKELY, D. **American Sign Language**: a teacher's resource text on grammar and culture. Silver Spring, MD: TJ Publishers, 1980.

KLIMA, E. ; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LEITE, Tarcísio de Arantes. Gestualidade. *In*: LEITE, Tarcísio de Arantes. **A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, S. K. Indicating verbs and pronouns: pointing away from agreement. *In*: EMMOREY, K; LANE, H. **An Anthology to Honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000, p. 303-320.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. S. Pointing out dif erences: ASL pronouns in syntactic theory. *In*: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. **Theoretical Issues in Sign Language Research**, Vol. I: Linguistics. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1990, p. 191-210.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua Brasileira de Sinais II**. Material didático do curso de Letras Libras a Distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

PIZZIO, A. L. *et al*. **Língua Brasileira de Sinais III**. Material didático do curso de Letras Libras a Distância. Florianópolis: UFSC, 2010.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Material didático do curso de Letras Libras a Distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

_____. **Língua Brasileira de Sinais IV**. Material didático do curso de Letras Libras a Distância. Florianópolis: UFSC, 2010.

SILVA, Lídia da; RODRIGUES, Cristiane Seimetz; LIMA, Keila Valério de. Níveis de (in)formalidade na Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis, 2008. **Anais do II Sinpel**. Disponível em: <http://sinpel.pbwiki.com>. Acesso em: 17 ago. 2010.

Gabarito

1. Trata-se dos elementos dêiticos, que são construídos pela apontação para lugares específicos no espaço, os quais remetem a referentes diferentes. Assim, apontar para si mesmo resulta no uso do pronome EU, apontar para o receptor da mensagem resulta no uso do pronome de segunda pessoa, apontar para quem ou o que é objeto da conversa entre sinalizador e receptor implica no uso do pronome de terceira pessoa. Da mesma forma, em verbos direcionais (com concordância) a direção de realização do sinal indica o sujeito e o objeto do verbo. Como exemplo, pode-se citar a concordância de ENTREGAR em que o sujeito é a terceira pessoa (El@) – o sinal parte do ponto estabelecido como referente a terceira pessoa – e o objeto indireto a segunda pessoa (tu/você) – o sinal culmina no ponto do espaço em que o receptor se encontra.

2. Os sinais pertencentes à Libras, na condição de signos linguísticos, são arbitrários. Isso independentemente de apresentarem forma linguística semelhante à do objeto que fazem referência, já que, como afirmam Quadros, Pizzio e Rezende (2009), a representação visual dos objetos, ao ser lexicalizada, respeita as condições de formação de palavras específicas de cada língua, ou seja, a gestualidade que motiva a criação de certos sinais é submetida a regras, as quais são arbitrárias.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

3. Resposta mínima deve contemplar que existe uma tendência em associar discursos informais a sinalizações que se valem de um maior campo espacial para produzir os sinais, estabelecer os referentes e marcar a concordância, bem como o emprego de gestualidade excessiva, pantomima e encenação.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br